



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DANIEL RICARDO KRUSE

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-710

Entrevistado: Daniel Kruse

Nascimento:

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – CEME, Porto Alegre/RS.

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 01/06/2016

Transcrição: Leila Mattos

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 20 minutos e 48 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *História da disciplina de handebol da ESEFID*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.



Sumário

Início do esporte; Formação e relação com o esporte; História do handebol no Rio Grande do Sul; Início do handebol; A disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; A importância do handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos; Envolvimento com a prática do handebol; A prática do handebol nas escolas; O incentivo da universidade.

Porto Alegre, 01 de junho de 2016. Entrevista com Daniel Kruse a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Para iniciar eu quero te agradecer por conceder essa entrevista, e eu gostaria que tu iniciasse me contando um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte?

D. K. – Bom, eu iniciei já desde criança assim no esporte eu participei de equipes principalmente ligadas ao futebol de campo e futsal, então durante toda a infância a adolescência até um pouco antes de entrar para faculdade, além da escola, também em clubes e depois fiz a faculdade de Educação Física no IPA¹, Licenciatura Plena, fiz uma Especialização em Ciências do Esporte e logo que eu entrei para a faculdade eu já comecei a atuar em clubes, mas sempre muito ligado ao futebol e ao futsal, e depois eu fiz o Mestrado em Educação na Unisinos² que eu pesquisei sobre a Formação de Professores e aí então começou aparecer algumas oportunidades também no ensino superior, eu acabei fazendo também concurso público e atuo mais voltado agora, para o esporte escolar naquelas quatro modalidades basquete, handebol, futsal e vôlei. Tive uma experiência a pouco tempo aqui na UFRGS³ muito boa, que como professor substituto durante dois anos eu tive a oportunidade de um semestre de trabalhar com a disciplina de handebol, que foi a primeira vez que eu trabalhei com ela no ensino superior.

J. K. – Certo, e tu já chegou a trabalhar como técnico ou árbitro de alguma dessas modalidades?

D. K. – No handebol árbitro não, e técnico somente em escolar, agora futebol e futsal sim.

J. K. – Sim. E sobre a história do handebol aqui no Rio Grande do Sul o que tu saberia me contar assim, como que ela iniciou, período que ela iniciou, quem foi que trouxe a modalidade para cá?

¹ Instituto Porto Alegrense.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

D. K. – É uma curiosidade também, até no semestre que eu trabalhei essa disciplina eu entrei assim mais na história geral, na historia mundial, na história do Brasil e não trouxe esses conhecimentos assim sobre o Rio Grande do Sul, sei que principalmente a região do Vale dos Sinos que é uma região por ter uma tradição por ter uma colonização germânica uma relação muito forte com o handebol, até mesmo na escola onde eu trabalho também que sou nomeado Ivoti, que é uma cidade de colonização alemã, lá se trabalha muito o handebol escolar, então eu sei dessa ligação, mas não tenho assim maiores informações sobre quem trouxe para o estado do Rio Grande do Sul. Lembro também muito na época que eu atuava no futsal e no futebol, que existia em Porto Alegre, teve uma época muito forte do handebol que tinha clubes como o Lindóia, o São Judas, e a Feevale⁴ no Vale dos Sinos que tinha o handebol forte assim.

J. K. – Certo! Tu saberia me dizer como o handebol chegou na escola?

D. K. – Olha, não sei como chegou, mas assim ele tem uma adesão muito grande assim no meu dia a dia, assim eu percebo que é o esporte talvez de maior aceitação dos alunos, é o handebol muito mais que o vôlei, muito mais que o basquete e claro, perdendo para a nossa cultura do futsal, porque o futsal se assemelha ao futebol de campo, então perde somente por uma questão cultural, mas o handebol é um esporte ao meu ver muito utilizado e muito bom para se trabalhar na escola, mas não sei quando exatamente chegou.

J. K. – Na tua opinião observando essa relação dos alunos com o handebol na escola tu acredita que ele possa ter iniciado nas escolas, clubes ou universidades?

D. K. – Eu sei um pouco da história que ele tinha, ele tem uma história inicial que era no campo, depois se transferiu para as quadras, penso que ele não iniciou... Eu não sei se no Rio Grande do Sul possa ter acontecido isso, mas que se tornou muito escolar sim e tem tudo a ver realmente com a escola, para se trabalhar eu particularmente gosto muito de trabalhar na escola handebol.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

J. K. – Em relação ao handebol no currículo universitário, para ti qual seria a importância de ter essa modalidade esportiva dentro do nosso currículo?

D. K. – Eu venho de uma formação de um currículo ainda muito esportivizada, isso acontecia em uma época, há alguns anos atrás, que a gente tinha cada modalidade a gente tinha mais de uma disciplina e nem estou falando de instituição pública, porque de repente uma instituição pública até tem essa possibilidade handebol avançado, handebol I, II, III, mas também nas privadas, nas instituições privadas tinha, mas depois foi perdendo esse espaço, eu penso assim, que o handebol é fundamental no currículo universitário, assim como outras modalidades também e se pensar no currículo da licenciatura, então é o que mais vai ser trabalhado na escola, talvez a primeira ou segunda modalidade mais trabalhada, então é fundamental que o handebol esteja no currículo da licenciatura.

J. K. – Quando tu foi professor da disciplina de handebol no semestre passado, como tu enxerga ou como tu via o perfil dos alunos que procuravam fazer essa disciplina?

D. K. – Bom primeiro eu não esperava me chamarem para a disciplina de handebol, e foi muito da minha experiência com outra modalidade coletiva também futebol e futsal, quando me chamaram me disseram “não tu tem todas as condições, porque tu tem uma bagagem uma experiência bastante tempo nessas duas modalidades, jogou também handebol escolar, além da questão acadêmica da formação com especialização”, então com está base que eu fui então trabalhar a disciplina de handebol e esses alunos, esse grupo de alunos que eu tive a oportunidade de lecionar para eles, eles eram na maioria deles já formandos, eles estavam bem no final do curso, até então eu vinha trabalhando com acadêmicos que estavam entrando, porque eu trabalhei com as disciplinas de primeiro semestre, quando eu assumi como professor substituto “né”, que é *bem* diferente trabalhar com o primeiro semestre, eles estão com aquela visão bem aberta do que vai acontecer, então tu “dá” formação profissional, trabalhei com essas disciplina bem de início, mudou totalmente o perfil, porque eu acabei trabalhando com um grupo de alunos que... O perfil que eles me pareceram, já estavam bem cansados e com a cabeça muito voltada para o trabalho de conclusão e para se formar, então em alguns momentos nas minhas aulas eles conversavam e dialogavam sobre a formatura, sobre o estágio, então eu também aproveitei essa situação até para não confrontar com eles e pegava exemplos, assim do que eles me

contavam, os exemplos do próprio estágio deles, que acontecia na escola que aí o handebol entrava também e peguei essas situações assim bem particulares deles, e trouxe para as minhas aulas, como eu atuo também na escola, então eu consegui ter um diálogo muito bom assim com eles, eu avalio como muito bom “né” porque eles me contavam a realidade do estágio, e eu contava a realidade da escola, da minha experiência no esporte coletivo escolar, com os conteúdos das disciplinas formais, digamos assim de handebol, fundamentos, parte técnica e tática, regras, então eu consegui trabalhar dessa forma juntando tudo assim, mas eu gostaria de ter trabalhado com um grupo, sinceramente, eu gostaria de ter trabalhado não com formandos. Eu penso também, posso estar equivocado, mas essa disciplina de igual deveria vir antes, já que... Assim como o futebol e o futsal, o handebol é o que mais tem presença nas escolas, primeira oportunidade que esses acadêmicos tem de fazer qualquer tipo de estágio eu penso que eles já deveriam ter feito essa disciplina de handebol, devido a importância dela, deveria vir um pouco antes no currículo e eles estavam já assim no final e só então, naquele momento o handebol, por um outro lado eu ouvia deles assim “essa é a melhor disciplina que a gente está fazendo nesse semestre”, mas eles estavam se referindo *melhor*, porque tinha bastante práticas, então era a disciplina que eles relaxavam um pouco naquela pressão de trabalho de conclusão de curso, e de pesquisa como tu está fazendo dando conta de tudo isso, e nessa disciplina comigo eles se sentiam mais relaxados porque tinha a questão... A gente dialogava sobre essas teorias, essas situações de escolas e ia para a prática, e eu também consegui fazer algo assim que eu achei muito importante, eu trouxe os meus alunos da escola que eu dou aula para eles darem aula, eu trouxe em quatro situações, foram quatro aulas que os meus alunos da escola que eu trabalho vieram ter aula, eu dividi eles em grupos e eles deram aulas de handebol para os meus alunos, então eu antecipei para eles a realidade do grupo, um exemplo assim, “na terça-feira virá uma turma de alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, a característica deles é assim... Têm tantos meninos e tantas meninas”, eu dei todo o perfil e eles elaboraram um plano de aula em cima do perfil, depois veio uma outra turma, depois uma outra, foram quatro turmas diferentes e eles se saíram *muito* bem e gostaram dessa situação deles dando aula e depois de cada aula a gente dialogou, discutiu como aconteceu, como foi a aceitação dos alunos, participação, então eu acredito que foi muito proveitosa nesse sentido assim de que a gente conseguiu fugir um pouco daqueles conteúdos tradicionais e ir mais para a realidade.

J. K. – Sim, em relação à questão dos alunos assim que escolheram fazer essa disciplina eram mais homens ou mais mulheres?

D. K. – Bem dividido, 50% (cinquenta por cento), 50% (cinquenta por cento).

J. K. – E eles eram todos do currículo novo, agora de licenciatura, ou tinha alunos do currículo antigo que ainda havia o bacharelado?

D. K. – Eu acredito que todos da licenciatura, nenhum falou em bacharelado assim, para mim eles discutiam muito as questões da escola, estavam fazendo... Uns já tinham terminado, outros estavam fazendo o estágio final, e praticamente toda a turma estava fazendo o trabalho de conclusão.

J. K. – E como que se deu o envolvimento desses universitários com a prática do handebol?

D. K. – Muito envolvimento, a turma *muito* envolvida até porque conforme eu falei anteriormente eles naquele semestre, eles só faziam aquela disciplina de prática, então eles vinham com muita vontade de participar das aulas práticas, e eu fiz aulas práticas em todas as aulas praticamente, o primeiro momento teórico e segundo momento sempre prático. Então eles nunca saíram da aula de handebol sem ter uma prática, então, a participação foi muito boa e não tinha aquela história deles ficarem sentados, alguma história que não estavam bem naquele dia, até teve um que estava com um machucado e ele ficou ali o tempo inteiro e queria participar de alguma forma mesmo machucado, então isso foi muito legal.

J. K. – Saberria me dizer se a disciplina de handebol ela sempre foi eletiva?

D. K. – Quando eu era acadêmico era obrigatória, eu não sei em que momento ela se tornou assim eletiva e eu particularmente acho que não deveria ser eletiva, deveria ser obrigatória.

J. K. – Saberá me dizer em que ano a disciplina de handebol iniciou aqui na ESEFID⁵?

D. K. – Aqui na ESEFID eu não sei dizer.

J. K. – E porque ela teria sido incluída no currículo universitário, não só na ESEFID, mas em todas as Universidades?

D. K. – Primeiro pela aceitação do esporte handebol pelas comunidades, pelas crianças e pelos estudantes de forma geral, o crescimento da modalidade em si a nível mundial, acho que é uma modalidade que vem crescendo e eu penso também na facilidade de jogar, eu entendo assim, o handebol como uma modalidade muito próxima do futsal por que precisa ter uma quadra, duas goleiras, uma bola, um local mais simples possível se pode trabalhar o handebol, não é uma modalidade com dificuldade de se trabalhar ela, então isso faz com que ela se torne uma modalidade bastante praticada, e fundamental para o professor de Educação Física saber lidar com esse esporte.

J. K. – Tu acredita que a modalidade de handebol no currículo universitário ele tem aumentado a prática desse esporte nas escolas?

D. K. – Se o vínculo da disciplina faz com que...

J. K. – Isso, aumente também a prática dentro das escolas?

D. K. – Eu acredito que sim, é... Todas as modalidades, tudo... Quanto mais trabalhado dentro do currículo universitário vai contribuir na escola com certeza, não só o handebol tudo que for.

J. K. – Em relação aos últimos anos o handebol ele ganhou mais destaque nas competições mundiais, até tu comentou isso agora a pouco, principalmente com a equipe feminina que acabou ganhando o mundial. Tu acredita que este destaque do Brasil nessa modalidade ele trouxe mais visibilidade para a prática esportiva nas escolas?

⁵ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

D. K. – Principalmente na cultura brasileira que vincula muito o esporte de alto nível, o esporte profissional, eu observo que na cultura brasileira parece que precisa haver algum resultado de alto nível para que seja valorizado, para que comessem a olhar, ninguém olhava para o handebol feminino, se não tivesse acontecido um resultado assim, e com certeza isso contribuiu, penso que não deveria, essa modalidade independente de resultado de nível Olímpico deveria ser valorizada e deveria ser muito trabalhada, olhando o lado mais educativo ela é uma modalidade que é muito boa de trabalhar na Educação Física escolar, que ela pode contribuir para a educação de forma geral, eu vejo muito isso no meu dia a dia, eu consigo acompanhar isso, da evolução dos alunos, em termos de educação com relação à disciplina de... Com relação ao esporte handebol que é trabalhado na educação física, não visando muito às regras oficiais, não no sentido esse de alto nível, mas o resultado que dá, então handebol assim é fundamental, mas na cultura brasileira se olha muito para o resultado, então, até para incentivar os alunos tem que daqui a pouco largar um vídeo da seleção e mostrar “olha aqui, olha o Brasil”, eles vendo isso e daqui a pouco vendo uma reportagem, um resultado como esse assim de campeonato, de Jogos Olímpicos com uma boa participação, isso com certeza contribui de acordo com a nossa cultura que precisa ver um alto nível, e isso motiva, mas cabe também aos professores independente do resultado motivar, principalmente, na escola, trabalhar o handebol.

J. K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostarias de compartilhar?

D. K. – Eu gostaria de compartilhar essa minha experiência assim de handebol que eu tenho, que ela não é de alto nível, não é de esporte profissional de handebol, mas que me trás muita satisfação profissional, pessoal, de trabalhar o handebol com bastante adaptações de regras. Já tive situações que eu comecei a trabalhar com turmas na escola que *nunca* tinham jogado handebol, nunca tinham jogado, e partindo... Na escola anterior ou nos anos anteriores eles não tinham tido a oportunidade de jogar handebol, ou no máximo assistiram alguns colegas jogarem e os professores anteriores também não trabalhavam, trabalhavam sempre o futsal, então eu peguei também essa minha experiência do futsal, a experiência deles do futsal e trouxe para dentro do handebol, com outras estratégias e com algumas adaptações, inicialmente alguns cuidados para não ter ninguém machucado, não pode roubar a bola só cercar, algumas regras bem adaptadas no início que com o passar do tempo eles foram se adaptando e de repente eles estavam jogando

handebol. Então eu acho que essa experiência do handebol escolar eu acho que é fundamental, e sinto falta de mais escolas trabalhando, mais professores de Educação Física escolar trabalhando e mais eventos de handebol escolar, eu acho que tem muito pouco, eu gostaria que o handebol se desenvolvesse mais no âmbito escolar educacional que é uma área que eu tenho bastante interesse também.

J. K. –Tu falou em relação a campeonatos escolares, dentro da tua escola, em que tu é professor, tem algum campeonato que vocês participam em relação ao handebol?

D. K. – Como eu estava falando, assim é muito pouco, então eu tenho duas escolas, dois municípios diferentes, Porto Alegre capital e Ivoti uma cidade do interior, em Ivoti pela cultura, pela colonização alemã lá o incentivo ao handebol é muito maior, então lá tem as Olimpíadas de Ivoti, eu já tinha trabalhado em Campo Bom também, lá também tem as Olimpíadas de Campo Bom são muito parecidas, então, lá tem um incentivo forte as Olimpíadas e depois a classificação para os Jogos Escolares do Rio Grande do Sul para o JERGS, já Porto Alegre não tem nada que eu conheça, quando eu faço alguma coisa de handebol eu convido outras escolas, eu faço interno, então é mais por minha iniciativa que eu tento fazer algum evento de handebol, diferente de Ivoti que já existe um calendário esportivo do município onde o handebol é incluído.

J. K. – Bom, então era isso que eu tinha para te perguntar. Te agradeço muito, em nome do Centro de Memória do Esporte.

D. K. – Espero ter colaborado.

[FINAL DA ENTREVISTA]